

Lamento da Várzea

CRÔNICA DE
LUIZ ISMAELINO VALENTE



Eu tinha só 5 anos quando vi de perto o Surubiú querendo “subir a serra” em Alenquer na “enchente grande” de 1953. Mas não fiquei com medo não. O *casarão* dos meus pais, na Praça da Bandeira, era bem sólido, tinha o piso elevado e me parecia que ali estávamos a salvo da fúria do rio. Mais tarde, no início da década de 1970, escrevi um poema com o título **Lamento da Várzea**, com a pretensão de registrar a saga dos *ribeirinhos*, acossados, todos os anos, pelo vaivém das águas. Vendo agora o rio subir de novo, mais implacável do que em 1953, alagando o belo chão de *mosaicos* coloridos do velho *casarão*, que antes nunca ficou submerso, dei-me conta da *atualidade* desse poema escrito há quase 40 anos (mas nunca tornado público), que tem uma linda música do meu irmão, o médico Francisco Flaiury Valente (atual dono do *casarão* que está sendo restaurado). Com um novo e magnífico arranjo de Emílio Leite (no violão Folker e no baixo) e Marcos Castro (no teclado e na bateria), e, ainda, na voz divina de Lídia Belo, **Lamento da Várzea** estará no CD de músicas alenquerenses que tem a produção executiva de Roberto Mesquita e será lançado durante as festas de Santo Antônio em junho. Em homenagem e solidariedade a todos os conterrâneos atingidos pelas águas do Surubiú e seus tributários, antecipo aqui, tornando-a pública pela primeira vez, através deste *site*, a letra do nosso

Lamento da Várzea

*“Nem sempre se tem o que se quer
nem sempre se quer o que se tem.*

I

Viajante, pare agora
pra me ouvir que eu vou contar
da vivência aqui na várzea
por favor venha escutar:
Também por aqui se vê tristeza
também por aqui se vê sofrer
e a gente de balde ter dureza
não estranha mais ter que entristecer.
O rio na enchente não respeita
a palhoça, o roçado, os animais
e se perde a esperança na colheita
pra perder já não tenho nada mais.
Só resta esta santa paciência
que graças a Deus a gente tem
por ela se arrasta a existência
e por ela se sofre também.

(continua na p. 2)

II

Mas onde é que eu vou poder, amigo
me dê por favor informação,
buscar novamente um outro abrigo
e remédio pra minha aflição.
Não posso, é verdade, correr mundo
pois tenho meu ser pregado aqui
e acalento o desejo tão profundo
de quando morrer ficar ali
embaixo daquela sombra certa
que as árvores dão no verão
e quando a terra for coberta
pela água, sentir-lhe a convulsão
Pois sinto no cheiro molhado
da terra viril mesmo assim
que eu vivo em seu corpo entranhado
e ela entranhada em mim
e ela entranhada em mim...

*Nem sempre se tem o que se quer
nem sempre se quer o que se tem.”*

(Belém-PA, 13 de maio de 2009)